
**PELOS OLHOS DO OUTRO: O FENÔMENO DO OLHAR NO CONTO *O BÚFALO*,
DE CLARICE LISPECTOR**

Gabriel Silva de Mello (PLE/UEM)¹

Resumo: Ao considerar a ambiência literária como um solo fértil para a representação e reflexão da comunicação entre o animal humano e o animal não humano, o presente artigo lança luz a uma leitura interpretativa do conto *O búfalo*, de Clarice Lispector, com o intento de compreender a problemática do olhar a partir de uma perspectiva fenomenológica-existencial. Focalizamos nossos esforços analíticos nos vínculos ópticos e ontológicos, que se fazem ver entre os animais não humanos e o humano, uma vez que os mesmos encerram a experiência de ver e ser visto. Experiência esta fundante das relações entre o sujeito da visão e o objeto visível – entre o sujeito e o Outro. Para tanto, aludimos ao existencialismo de Jean-Paul Sartre, à fenomenologia de Merleau-Ponty e outros/as mais que possam somar à interpretação.

Palavras-chave: Clarice Lispector; Animal não humano; Existencialismo; Fenomenologia.

**THROUGH THE EYES OF THE OTHER: THE PHENOMENON OF THE LOOK IN
CLARICE LISPECTOR'S SHORT STORY *O BÚFALO***

Abstract: By considering the literary ambience as a fertile ground for the representation and reflection of the communication between the human animal and the non-human animal, the present paper launches an interpretative reading of the short story *O búfalo*, by Clarice Lispector, in order to understand the problematic of the look from a phenomenological-existential perspective. We focus our analytical efforts on the optical and ontological links between non-human animals and humans, since they contain the experience of seeing and being seen. This experience is the basis of the relations between the subject of vision and the visible object – between the subject and the Other. To this end, we allude to Jean-Paul Sartre's existentialism, Merleau-Ponty's phenomenology, and others that may add to the interpretation.

Keywords: Clarice Lispector ; Non-human animal; Existentialism; Phenomenology.

Considerações iniciais

Há um legado da teoria mecanicista cartesiana centrado em uma visão antropocêntrica de que os animais não humanos são desprovidos de linguagem. Ao que concorre esta premissa, a ideia de que o animal humano estaria no topo da hierarquia animal se assenta sob a acepção de que somente seres dotados de razão seriam capazes de se comunicar. Seria assim, a prerrogativa da razão o condicionante capaz de legar por milênios ao animal humano

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gabkorakas@gmail.com.

o poder de dominação sobre as corporeidades dos animais não humanos. Contudo, o fenômeno do olhar entre os animais humanos e os não humanos tem nos mostrado o contrário. É justamente na literatura que temos representações exemplares de que o plano óptico é um poderoso elo de comunicação entre animais não humanos e humanos. Sobre esta matéria, Benedito Nunes (2011, pp.14-15) não nos deixa mentir:

[...] o animal vê os homens com aquele olhar não humano que a ficção de uma das melhores autoras da nossa literatura, Clarice Lispector, insuperavelmente descreveu no conto “O búfalo”, de *Laços de família*: aí o olhar animal é um olhar que tem conexão com os sentimentos mais violentos do homem.

Destarte, entendendo que subsiste no olhar a possibilidade de ressignificação de fronteiras ontológicas e uma possibilidade de interanimalidade, este artigo apresenta-se, em primazia, como um convite à subversão da perspectiva antropocêntrica, que compreende a relação entre o animal humano e os animais não humanos sob o prisma da superioridade. A análise interpretativa do conto *O búfalo*, de Clarice Lispector, permitir-nos-á encontrar uma relação horizontal, pela qual o olhar do animal não humano é capaz de narrar e espelhar ao animal humano o mundo, ou melhor – o seu mundo. Por certo, traremos à baila as considerações e reflexões fenomenológicas de Maurice Merleau-Ponty (1999) em busca de compreender o caráter mesmo do enigma da visão, de acordo com o qual ver é ser visto. Assim, se antes de nos compreendermos sujeitos da visão, somos concernidos pelo mundo, é porque, antes de sermos sujeitos que veem, somos visíveis, o que só se faz possível uma vez que participamos da visibilidade do mundo, assim como os animais. Como bem afirma o filósofo, “[...] eu tenho um aspecto exterior, sou visível para outro; existe um ponto de vista de outro sobre mim. A relação com outro tem o valor de uma verdadeira estrutura” (Merleau-Ponty, 1988, p. 320, tradução nossa).²

Sendo assim, compreendemos nas múltiplas relações visuais entre os animais não humanos do zoológico e a mulher em busca do ódio uma restituição da visibilidade mesma. Visibilidade esta em que o sujeito da visão é também olhado pela alteridade, de modo que o olhar do Outro, no léxico sartreano, simbolizaria, no limite, o olhar do Mundo, para Merleau-Ponty. Ao estar em contato com um mundo que lhe impressiona, a protagonista de *O búfalo* se mostra conectada com os animais a partir do plano visual. Estes são vistos na mesma

²No original: J'ai un aspect extérieur, je suis visible pour un autre, il y a le point de vue d'un autre sur moi. La relation avec l'autre a la valeur d'une véritable structure.

proporção que veem. Desta forma, os animais não humanos não são coisas, mas pertencentes a mesma visibilidade do mundo, e isso só se dá ao considerarmos o simbolismo existente nas corporeidades animais, uma vez que “[...] o facto de existir uma relação entre a aparência externa do animal e a sua capacidade de visão parece provar o seguinte: o animal vê de acordo com o que é visível” (Merleau-Ponty, 1995, p. 247, tradução nossa)³.

Por isso, para melhor entendimento da visibilidade mesma, compreendê-la-emos em sua extensão para a esfera dos animais não humanos, conforme empreendida pelo filósofo, demonstrando assim que o ato de ver e ser visto fazem parte da própria carne do mundo, pela qual a aparência dos animais atinge um sentido outro que não o de conservação da espécie, mas o da comunicação a partir da expressão de forma. Seguem daí os seguintes questionamentos: o que aconteceria se a aparência dos animais não humanos enquanto órgão de comunicação se fizesse ao olhar do animal humano? Que limites esta comunicação pelo olhar poderia encerrar? Ou ainda, que visibilidade é esta que a relação óptica entre animal humano e não humano poderia alumiar?

Para responder a essas questões, enriqueceremos ainda a nossa análise, retornando à obra *Ser e o Nada*, de Jean-Paul Sartre (1997), com o objetivo de explanar a perspectiva existencialista acerca do olhar. Para o filósofo francês, o olhar do Outro é capaz de atravessar o ser com tamanha violência, objetivá-lo e confiná-lo a um ser-objeto, posto que “[...] o outro é, por princípio, aquele que me olha” (SARTRE, 1997, p. 315). O resultado? A revelação do ser a si mesmo como é, mas não sem tentativas de fuga. Ora, se ser visto simbolizaria a objetivação do Para-si pelo Outro e a revelação de si mesmo, no conto *O búfalo*, somos lançados, a modo Clarice, ao âmago do Ser e assim, percorrendo questões ópticas e ontológicas, chegamos ao impasse: e se o mistério das coisas estiver diante de nossos olhos e não no mais abissal de nossa alma? É por essas sendas que, em posse deste arcabouço teórico sólido juntamente com outros/as estudiosos/as, poderemos enfim nos debruçarmos sobre o conto clariceano em prol de dar vazão aos múltiplos fenômenos ópticos e, claro, ontológicos, que se apresentam quando os olhares do animal humano e dos animais não humanos se encontram, apalpam-se e se falam.

³No original: [...] Le fait qu'il y ait une relation entre l'aspect extérieur de l'animal et sa capacité de vision semble le prouver: l'animal voit selon qu'il est visible.

1. As corporeidades dos animais não humanos como órgãos de comunicação

Há no jeito Clarice de escrever um quê de marulhoso ao que tange o fenômeno do olhar. Sob a pena da escritora, ver nunca é simplesmente ver. Sob os olhos de seus personagens há sentidos outros que extrapolam a percepção habitual do mundo. É como se o plano óptico pudesse captar as coisas em uma dupla direção de espelhamento: os olhos olham o mundo e o mundo com seus olhos mudos devolve o olhar. Em outras palavras, nas obras clariceanas, os olhos narram o mundo e se deixam narrar por ele. Conforme pontua Álvarez (2006, p. 3) sobre a narrativa do olhar em Clarice:

E um dos recursos mais utilizados pela escritora para atingir esse tipo de narração intimista é um uso específico e muito particular do olhar. O olhar se comporta em alguns contos de Clarice Lispector como um diamante em face a um espelho, cujo reflexo não apenas volta ao próprio diamante, mas atinge diferentes corpos, inclusive – se suficientemente envolvido – o do próprio leitor.

A perspectiva de que o olhar nas obras de Clarice se apresenta duplo pode se ver em diversos contos da autora. Por um lado, o olhar é capaz de pousar em um objeto, que mesmo inerte reflete com os olhos do mundo o sujeito, como nos atesta *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*, em que o olhar da protagonista se debruça sobre um quadro, objeto este que lhe vê e lhe revela a imagem de sua vida medíocre. Embora a ideia de um objeto que vê possa nos parecer descabida, em um primeiro momento, o *modus operandi* clariceano de narrar o faz verossímil. Prerrogativas de Clarice: dar olhos as coisas. Por outro lado, pelas mãos da mesma autora, o olhar pode ser prerrogativa dos animais não humanos, conforme se vê no conto *O crime do professor de matemática*, em que o olhar canino reflete a obrigação primeira do indivíduo de ser humano. Aliás, Evely Libanori e Lígia Ribeiro de Souza Zotesso nos lembram em *A aprendizagem do ódio no conto 'O búfalo', de Clarice Lispector* que a expressão do *ethos animal* é tema nas obras de Clarice:

Em alguns momentos, as personagens pensam o animal que elas são, de forma que o animal humano e o animal não humano são equivalentes em sua animalidade. Como exemplo, o “cavalo” é sempre ligado à liberdade física e perfeita integração com o cenário natural. A “barata” nos liga ao tempo ancestral, onde os humanos, em desenvolvimento, conviviam com insetos. A barata que habita a casa das pessoas é o mesmo inseto que habitava a caverna com os primeiros humanos, pois a barata, como é hoje, já o era há 100 milhões de anos. O “macaco” é representado como o insólito no meio urbano. É o animal mais humanizado e, portanto, o mais agredido em sua alteridade (LIBANORI; ZOTESSO, 2022, p.2).

É por essas sendas que nos permitiremos enxergar um dos mundos narrados de Clarice. Em *O búfalo*, acompanhamos a trajetória do aprendizado do ódio por meio do fenômeno do olhar. Após experimentar a rejeição pelo amante, uma mulher sem nome vai a um zoológico, “[...] tentando-se encontrar com o seu próprio ódio” (LISPECTOR, 1998, p.126) na medida em que visita distintas jaulas de animais. É o olhar que se faz elo de conexão entre o animal humano e os animais não humanos, e a prospecção da corporeidade da mulher rejeitada para a ambiência do primitivo só nos revela uma espécie de interanimalidade presente nos entes que se constituem como parte da relação óptica, que se estenderá por todo o percurso da narrativa.

O problema? Ela queria odiar, “[...] mas era primavera” (LISPECTOR, 1998, p.126). E a primavera é a ambiência propícia para florescimentos, inclusive do amor. Talvez o outono ou o inverno fossem mais convenientes à explosão do ódio. A paisagem substanciada pelos comportamentos afáveis dos animais ali presentes só lhe reiterava que a sua busca seria, no mínimo, árdua. Ora, se o ódio da mulher se fazia ver efeito de uma não correspondência amorosa, sua busca vacila pelo fracasso quando apalpa com o olhar animais com seus congêneres em uma felicidade mútua, quase malsã. O amor que atravessa e aflora algumas relações, como a do leão e da leoa e das macacas, propulsiona a falta da comunicação de ódio pelo olhar, a qual a mulher empreendia em sua busca, fazendo com que a mesma seja relançada ao local que tanto lhe fere – a rejeição. E como se não pudesse antever seu aparente malogro, quando não é surpreendida pelo amor o é pela felicidade, sentimento que acompanha muitos enamorados:

Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjubado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. “Mas isso é amor, é amor de novo”, revoltou-se a mulher. [...] macacos felizes como ervas, macacos se entrepulando suaves, a macaca com olhar resignado de amor, e a outra macaca dando de mamar (LISPECTOR, 1998, p. 126).

Antes de empreendermos a análise fenomenológica-existencial, há que se destacar nesta visita ao zoológico dois fatores que competem à falta de atenção dos animais não humanos para com a presença da mulher. Primeiramente, como já trouxemos à superfície, a estação primaveril pano de fundo do acasalamento entre os animais e florescimento do amor materno. Por outro lado, cabe uma visão menos romantizada da ambiência criada no conto,

posto ser esta rica em violências físicas e simbólicas. Devemos lembrar que o espaço mesmo da trama é um zoológico, lócus este de apropriação da vida selvagem e seu enjaulamento. Em *Sobre o olhar*, John Peter Berger (1980), ao lançar uma diatribe severa aos zoológicos, afirma que a artificialidade dos espaços que os animais habitam é mola propulsora para a marginalização dos mesmos, ao passo de suas atitudes perante o isolamento compulsório serem perpassadas pela indiferença aos eventos que lhes cerceiam. Em suas palavras:

Os fatos que [os animais] percebem ao seu redor tornaram-se tão ilusórios em termos de suas reações naturais quanto os prados pintados. Tudo isso os marginaliza. O espaço que habitam é artificial. Assim as tendências de se agruparem em sua beirada. (Além de sua beirada poderá haver algum espaço de verdade.) Em algumas jaulas a luz também é artificial. Em todos os casos, o ambiente é ilusório [...]. Em última análise, sua dependência e isolamento condicionaram de tal modo suas relações que tratam qualquer evento que aconteça ao seu redor – habitualmente diante deles onde fica o público – como marginal. (Daí habitualmente assumirem uma atitude exclusiva dos humanos: a indiferença) (BERGER, 1980, p. 29).

Assim, a estação do amor e a marginalização dos animais enjaulados explicariam a marginalização da presença da mulher, colocando-a em uma posição há muito conhecida pelos desiludidos do amor: a indiferença. Contudo, ela os vê. E porque os vê é vista. E porque é vista é. Os olhos da mulher encerrados na aparência visual dos animais não humanos propiciam outras nuances à narrativa. Percebamos que os animais do zoológico não são descritos apenas como: animais que se amam. Ao contrário, são enunciados e detalhados a partir de uma percepção visual que se concentra na forma mesma de cada animal, como se ao órgão visual de cada ser não humano pudesse emergir o seu modo de ser no mundo. Há aqui um valor existencial de expressão que só se deixa capturar pelo olhar, o que bem compreendia Maurice Merleau-Ponty.

O filósofo da *Fenomenologia da Percepção*, ao se debruçar sobre o enigma da visão, busca encontrar a relação de comunicação entre sujeito que vê e o sujeito visto, propondo uma fenomenologia do olhar em que o fenômeno não seja representado como externo ao sujeito. O olhar em Merleau-Ponty pressupõe algo em comum entre o sujeito e o Outro, como bem exprime o filósofo, “[...] se os outros homens que existem empiricamente devem ser para mim outros homens é preciso que eu tenha com o que reconhecê-los, é preciso portanto que as estruturas do Para Outrem já sejam as dimensões do Para Si” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 602). Nesse sentido, ver pressupõe um sujeito situado e encarnado que compartilha com outros a visibilidade do mundo, um sujeito visível, de modo que o olhar da alteridade seria a

porta de entrada do Ser na visibilidade.

A ideia da visão com um entrar na visibilidade é estendida por Merleau-Ponty à esfera do animal não humano. A aparência dos animais seria entendida como uma espécie de órgão de comunicação, afinal, de acordo com o próprio filósofo, “[...] o estudo do aspecto dos animais torna-se interessante quando compreendemos esta aparência como linguagem” (MERLEAU-PONTY, 1995, p. 245, tradução nossa).⁴ Em outras palavras, embasado nos estudos gestaltistas do zoólogo Adolf Portmann, o filósofo compreende que a aparência visual dos animais não humanos, este órgão para ser visto, se faria em uma expressão de formas predisposta a se comunicar ao se mostrar ao campo de visão de outro animal.

A ideia de Portmann (die Tier Gestalt) de uma leitura dos tipos animais, de um estudo de sua aparência externa considerada como um órgão a ser visto, e de uma interanimalidade também necessária para a definição completa de um organismo com seus hormônios e processos internos, proporcionou um segundo cruzamento do tema do valor da forma do organismo (MERLEAU-PONTY apud PORTMANN, 1995, p. 374, tradução nossa).⁵

O interessante aqui é pensar que, tanto para o zoólogo como para o filósofo, a aparência dos animais não humanos seria uma espécie de linguagem. Afinal, pela expressão visual, o corpo dos animais não humanos seria capaz de narrar sentido para outro ser. Isso equivale a dizer que a aparência dos animais, o modo como se apresentam ao olhar, reflete o papel de ser visto, possuindo um valor ontológico de manifestação. Por aqui já se entende que “[...] a vida [...] é um poder de inventar o visível. A identidade de quem vê e do que vê parece ser um ingrediente da animalidade” (Merleau-Ponty, 1995, p.248, tradução nossa).⁶ Destarte, a vida seria tomada como algo a ser visto, de modo que o seu valor deixaria de ser o da utilidade para ser o da expressão, isso porque “[...] existe na vida uma floração prodigiosa de formas, cuja utilidade só raramente é atestada e que, por vezes, até constitui um perigo para o animal” (Merleau-Ponty, 1995, p. 243, tradução nossa).⁷

“Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros.

⁴No original: L'étude de l'apparence des animaux reprend de l'intérêt quand on comprend cette apparence comme un langage.

⁵No original: L'idée due a Portmann (die Tier Gestalt) d'une lecture des types animaux, d'une étude de leur apparence extérieure considérée comme organe à être vu celle par suite d'une interanimalité aussi nécessaire à la définition complète d'un organisme que ses hormones et ses processus internes, ont fourni un second recoupement au thème de la form value de l'organisme.

⁶No original: La vie [...] c'est une puissance d'inventer du visible. L'identité de celui qui voit et de ce qu'il voit paraît un ingrédient de l'animalité.

⁷No original: [...] il y a dans la vie une prodigieuse floraison de formes, dont l'utilité n'est que rarement attestée et qui même, parfois, constituent un danger pour l'animal.

A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico” (LISPECTOR, 1998, p. 126). Eis, as três primeiras linhas de *O búfalo*. O que temos é a enunciação da percepção visual da forma dos animais não humanos, que só se faz possível posto que seus órgãos de visão, seus ornamentos, mostram-se visíveis. Da narrativa que segue: “Depois o leão passeou enjubado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstituiu sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge” (LISPECTOR, 1998, p.126). As imagens reconstituídas pelo campo de visão da mulher e que nos são enunciadas pelo narrador desnudam corporeidades em comunicação. O leão fala com a juba loura e com a tranquilidade de quem ama enquanto a leoa na plenitude taciturna e contemplativa, mas não menos confiante, daquela que é amada. A aparência dos animais não vacila em narrar por meio de expressões uma espécie de sentido para outro ser, sentido este captado pelo olhar.

E o que dizer da girafa, a “[...] virgem de tranças recém-cortadas” (LISPECTOR, 1998, p.126), mais paisagem do que ente, a “[...] girafa quase verde”? (LISPECTOR, 1998, p.128). A subjetiva percepção do espaço em que se encontra a “[...] aérea girafa pousada” (LISPECTOR, 1998, p.127) revela o imbricamento do ente à paisagem, como se a girafa se relacionasse reciprocamente com a carne do mundo, no sentido mais fenomenológico da palavra. Aqui, temos a representação da concepção de Michel Collot (p. 42, 2013) de que a natureza interna e a natureza externa se tocam no ato de percepção. A girafa é a paisagem e a paisagem é a girafa. Mas então, nesta intersecção da girafa planta em sua pureza primitiva, como encontrar nesta inocência o ódio doentio? Não poderia! A mulher não pode olhar a girafa, porque a sua condição é antípoda à inocência. Sobre ela só resta a mácula de um ódio em iminência, de modo que seus olhos duas vezes doentes só prestam ao desvio.

Ao desviar os olhos, a mulher repousa o olhar no hipopótamo e mais uma vez a forma do animal é um convite à construção de sentidos. O órgão de comunicação da vez é então a “[...] carne redonda e muda” (LISPECTOR, 1998, p. 128) na espera de seu congênere em vias de encerrar uma relação interanimal. É por essas sendas que Merleau-Ponty afirmará que a aparência dos animais não humanos só poderia se fazer em relação com o olhar, uma vez que tais se encontram em uma relação de interanimalidade, que permitiria o reconhecimento de outros de sua espécie por meio do binômio de ver e ser visto, dirá o filósofo, “[...] ele vê na medida em que é visto. Isto quer dizer: referência ao congênere: os ornamentos de um animal

são os órgãos da visão do outro” (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 110, tradução nossa).⁸ A conquista da visibilidade dos animais não humanos se daria então por meio de uma relação especular em que um se mostraria espelho do outro. A vida do animal não humano assim como a vida do animal humano seria projetada ao espetáculo da visão, de modo que os fenômenos de ver e ser visto não seriam prerrogativas de um sujeito transcendental.

Não podemos deixar de notar que há um quê de amor nas formas mesmas dos animais não humanos, em suas expressões visíveis, que parece extrapolar os limites da razão. Pensar aqui se mostra penoso e talvez o seja, afinal, retira o animal humano da completude do Ser e o lança para o abissal de uma consciência que se rememora repetidas vezes como rejeitada, independentemente do lugar para onde olhe. Aliás, é ao olhar para as macacas que a mulher vê deflagrada o fracasso de sua busca, afinal, as macacas estão a amar os outros de sua espécie, o que engrandece ainda mais o seu ódio: “[...] ela os mataria com quinze secas balas: os dentes da mulher se apertaram até o maxilar doer” (LISPECTOR, 1998, p. 128,). Como se quisesse se livrar do ‘perigo’ da nudez dos macacos, o próprio dos animais, segundo Derrida (2002, p.16), e “[...] aquilo que os distingue em última instância do homem”, a mulher mataria a nudez dos macacos. E mataria porque é desnudada pelo olhar de um deles. Como se pudesse não só ter o seu sexo exposto, como o seu Ser, a fêmea rejeitada sente um mal-estar derridiano diante do olhar que insiste em pousar sobre si sem subterfúgios, sem pudor. Eis um animal nu diante de outro animal nu. O visível se fazendo visto, o sujeito da visão se fazendo objeto.

2. Pela luz dos olhos teus: a objetivação do Ser diante do Outro

Se por um lado, a fenomenologia de Merleau-Ponty é fundamental para a compreensão da aparência visual dos animais como o órgão de comunicação, que participa do princípio sob o qual ver é ser visto, é no existencialismo de Jean-Paul Sartre que encontramos um arcabouço teórico para análise das relações do olhar. Afinal, o aprendizado do ódio só poderia emanar da compreensão mesma que o olhar do Outro é uma catástrofe violenta. Não à toa, nas linhas do *Ser e o nada*, Sartre considera que o olhar se relaciona com o sentimento de ser olhado, de ser visível. Na inversão da perspectiva fenomenológica husserliana⁹ da visão de

⁸No original: [...] Il voit selon qu’il est visible. Ceci veut dire: référence au congénère: les ornements d’un animal sont des organes de la vision de l’autre.

⁹Ao longo da História da Filosofia, a problemática do olhar adquiriu um espaço central nas especulações epistemológicas. No entanto, que os louros sejam justos. Foi com a fenomenologia de Husserl que o plano óptico

essências, aquele que vê é, em certa medida, aquele que é visto, portanto, em verdade sartreana, o Para-si, ao ser objetivado pelo olhar alheio, passa a ser o Para-outro. Destarte, o Outro, para o filósofo existencialista, consiste no aparecimento de um olhar – olhar este que não se faz neutro, pois avalia e julga. Não nos surpreende assim as múltiplas condutas da mulher rejeitada de desviar o olhar, antes mesmo que qualquer animal não humano pudesse retribuí-la.

Quando o sujeito é olhado, então a objetividade prevalece. O sujeito passa a ser objeto para uma alteridade que, ao envolvê-lo com o olhar, desnuda o seu ser-objeto, roubando-lhe assim a liberdade. Em outras palavras, o olhar da alteridade mostra ao sujeito da percepção um outro ponto de vista sobre si, ponto este que lhe escapa em um primeiro momento a uma distância inefável, correspondente a liberdade do Outro de ver. O Para-si, segundo Sartre, passa então a ser objeto, destituído de mundo¹⁰. Neste caso, a inversão fenomenológica empreendida pelo filósofo está no fato de que o sujeito que vê passaria a ser o objeto do olhar de um Outro. Esta inversão se faz melhor ver no exemplo do *voyeur* a espiar pela fechadura:

Imaginemos que por ciúmes, curiosidade ou vício, eu tenha chegado ao ponto de grudar meu ouvido em uma porta ou olhar pelo buraco de uma fechadura. Estou sozinho e ao nível da consciência não tética [de] mim. Significa, em primeiro lugar, que não há um eu a habitar minha consciência. Nada, portanto, a que possa relacionar meus atos a fim de qualificá-los. Esses atos não são de modo algum conhecidos; eu sou meus atos, e, apenas por isso, eles carregam em si sua total justificação. [...] Significa que, detrás desta porta, uma cena se apresenta como “para ser vista”, uma conversa como “para ser ouvida”. A porta, a fechadura, são ao mesmo tempo instrumentos e obstáculos: mostram como “para manusear com cuidado”; a fechadura revela-se como “para olhar de perto e meio de viés” etc. Assim sendo, “faço o que tenho de fazer”; nenhum ponto de vista transcendente vem conferir a meus atos um caráter de algo dado sobre o qual fosse possível exercer-se um juízo: minha consciência adere aos meus atos, ela é os meus atos, os quais são comandados somente pelos fins a alcançar e os instrumentos a empregar. [...] Eis que ouço passos no corredor: alguém me olha. Que significa isso? Fui de súbito atingido em meu ser e surgem modificações essenciais em minhas estruturas-modificações que posso captar e determinar conceitualmente por meio do cogito reflexivo (SARTRE, 1997, pp. 334-335).

O exemplo é crucial para a ilustração da inversão paradigmática entre ver e ser visto. Quando o sujeito, ao olhar pela fresta da fechadura, percebe que está sendo olhado, passa então a ser objeto do olhar de um Outro, portanto, o olhar da alteridade produziria uma

ganhou destaque e que a visão passou a ser proposta como uma visão de essências, considerando que a consciência transcendental, alheia ao mundo fenomenológico, ascenderia a esfera óptica da qual ela mesma escapa. A ideia husserliana de um puro ver estaria ligada a concepção de “[...] não exatamente e meramente do olhar físico, mas do ‘olhar do espírito’” (HUSSERL, 1950, p. 113).

¹⁰“Assim, de súbito, apareceu um objeto que me roubou o mundo” (SARTRE, 1997, p. 330).

alteração ontológica no Para-si, que enquanto percepção do Outro é um objeto reificado. Em *O búfalo*, algo similar acontece na relação visual entre a mulher e o macaco. Ao ver, a mulher é vista uma vez que o macaco lhe devolve o olhar: “[...] um macaco também a olhou segurando as grades, os braços descarnados abertos em crucifixo, o peito pelado exposto sem orgulho” (LISPECTOR, 1998, p. 130). E assim, como se o Para-si não pudesse se sentir indiferente ao olhar da alteridade, posto estar imerso no espetáculo da visão, mas sobretudo no mundo, o sujeito passa a ser o Para-outro, não sem se sentir lesado. O olhar-outro é ameaçador, sendo entendido como uma privação do Para-si de sua liberdade em meio a outras liberdades que lutam para se realizar. O ser-macaco apreende a mulher estilhaçada como objeto, atingindo-a com o olhar e lançando-a à queda originária, ao passo de constituir o que Sartre chama de Ser-fora. Sobre o conflito entre as subjetividades exprime Aguiar (2003, p.101):

Os sentimentos que tomam conta é o de exílio, de expatriação, de abandono, de falta de identidade; sente-se o esvaziamento da liberdade [...] sente-se a “morte” da singularidade do ser sujeito, pois a impressão é de que o outro rouba o significado da própria subjetividade.

Este olhar de medusa, petrifica o Para-si, aliena-o do mundo até que ele se torne objeto, ao menos que ele devolva o olhar: “Mas não era no peito que ela mataria, era entre os olhos do macaco que ela mataria, era entre aqueles olhos que a olhavam sem pestanejar” (LISPECTOR, 1998, p. 130). Afinal, existe sempre a possibilidade de reapropriação da liberdade, por isso, o Para-si é ora algoz, ora vítima, ora é transfigurado, ora é degradado: vê ou é visto, isso “[...] porque cada um tem instabilidade própria e se desmorona para que o Outro surja de suas ruínas [...]” (SARTRE, 1997, p.378). Desta maneira, para deixar a condição de objeto é preciso reivindicar o posto de sujeito, olhando de volta para o Outro a fim de objetivá-lo. A mulher recupera assim a si mesma.

No entanto, ao retribuir o olhar em uma disputa pela sua liberdade de ver, a mulher é compelida a desviar os olhos, percebendo que “[...] os olhos do macaco tinham um véu branco gelatinoso cobrindo a pupila, nos olhos a doçura da doença, era um macaco velho” (LISPECTOR, 1998, p. 130). A possibilidade do florescimento de uma espécie de condolência, compaixão e no limite amor pelo macaco doente faz com que a mulher desvie os olhos, colocando em fuga o seu ponto de percepção, encerrando a intersubjetividade. Não é este o sentimento que quer aflorar. E assim, em uma medida desesperada, como se não

houvesse espaço para o ódio na artificialidade da natureza selvagem, a mulher então busca o divino, com um pedido vago para o metafísico, como dita a práxis do humano e como se o seu pedido pudesse ecoar além do zoológico que não conhece Deus, pairando em uma realidade transcendental pronta a interceder: “Deus, me ensine somente a odiar” (LISPECTOR, 1998, p. 130).

3. Aprendendo a odiar: a gênese do Para-outro

Do outro lado, no mundo como fenômeno, os olhos da mulher pairavam sobre os olhos do elefante “[...] numa bondade de velho” (LISPECTOR, 1998, p. 130) e do camelo “[...] que se tinham dedicado à paciência de um artesanato interno” (LISPECTOR, 1998, p.130), antes de pairar nos olhos do quati, com os quais se comunica. Ela viu e foi vista, “[...] o quati olhou-a. Ela o olhou” (LISPECTOR, 1998, p. 130), sem trocas de palavras, mas não sem comunicação. O órgão de comunicação do quati se fazia ver questionador, um “[...] corpo indagante” (LISPECTOR, 1998, p. 130), mas também ingênuo, como o de uma criança. Poderia odiá-lo? Absolutamente não! Mas, qual seria a pergunta que o quati curioso com ares de criança estaria fazendo, antes mesmo que a mulher lhe desviasse os olhos, como quem esconde um segredo? Segundo Berger (1980, p. 13), “[...] o animal tem segredos que, diferente dos segredos das cavernas, montanhas e mares, são dirigidos especificamente ao homem” e, como há a fresta que se faz na ausência de linguagem comum, a vida de um animal não humano estaria em paralelo com a vida do animal não humano. Não à toa, o crítico dirá:

Com suas vidas paralelas, os animais oferecem ao homem um companheirismo daquele oferecido por qualquer troca humana. Diferente porque é um companheirismo dedicado à solidão do homem como espécie. Esse companheirismo tácito foi considerado tão igual que seguidamente se encontra seguramente a concepção de que foi o homem quem não teve a capacidade de falar com os animais [...] (BERGER, 1980, p.14).

Embora a mulher não se comunique verbalmente com o quati, o animal não humano parece se comunicar com a protagonista pelo olhar em uma linguagem primitiva, mas não menos linguagem. Afinal, a troca de olhares e a busca da mulher por encontrar um ponto de fuga perceptual só reitera o medo de ser desnudada em uma relação dialógica e especular. No entanto, ainda assim, aquele corpo questionador é também capaz de ensinar, aliás, “[...] o que

ela aprende com a troca de olhares com o quati é, novamente, ver-se e constatar sua condição de prisioneira de si. Ela também está em uma jaula interna, aprisionada em sua própria dor” (LIBANORI; ZOTESSO, 2022, p.8). O enjaulamento da protagonista que aparece ao decorrer da narrativa nos evidencia que a mesma está mais cerceada do que os próprios animais do zoológico, de modo que imagens de inversões ontológicas entre o animal humano e os animais não humanos são apresentadas em diversos momentos, como este: “a testa estava tão encostada às grades que por um instante lhe pareceu que ela estava enjaulada e que um quati livre a examinava” (LISPECTOR, 1998, p. 130). Novamente, o jogo da visibilidade parece se fazer presente na alegoria da liberdade supracitada. Ao olhar a mulher o quati a reitera como ser-objeto, daí o conflito e busca pela fuga, como quem quer se retirar da visibilidade do mundo: “[...] e ela desviando os olhos, escondendo dele a sua missão mortal” (LISPECTOR, 1998, p. 130).

Antes da desistência, a mulher, finalmente, passa a ser olhada por Outro, que seria o responsável pelo findar de sua busca – o búfalo. O corpo do búfalo em inteireza é percebido como narrador do ódio. Como se o mais íntimo de seu ser pudesse se revelar pela sua corporeidade. Qual é o órgão de comunicação do ódio? O corpo-ódio se comunicava “negro e imóvel”, com “quadris estreitos”, “quadris concentrados”, “cabeça larga com cornos”, corpo “enegrecido de tranquila raiva” (LISPECTOR, 1998, p. 131). E assim, o búfalo, depois de tamanha insistência por atenção, finalmente, viu-a e foi visto, com seus olhos pequenos e vermelhos.

O búfalo voltou-se, imobilizou-se, e, a distância, encarou-a. Eu te amo, disse ela então com ódio para o homem cujo grande crime impune era o de não querê-la. Eu te odeio, disse implorando amor ao búfalo. Enfim provocado, o grande búfalo aproximou-se sem pressa. Ele se aproximava, a poeira erguia-se. A mulher esperou de braços pendidos ao longo do casaco. Devagar ele se aproximava. Ela não recuou um só passo. Até que ele chegou às grades e ali parou. Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos. E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. De pé, em sono profundo. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo (LISPECTOR, 1998, p. 134).

A comunicação entre a mulher e o búfalo pelo fenômeno do olhar é recheada de sentidos. Embora comece encerrando as diferenças entre o animal humano e o animal não humano, considerando a vazão para a robustez dos quadris e ancas do búfalo e a cabeça com os cornos, ao olhar, peremptoriamente, para os olhos do Outro, a protagonista entra em uma relação espelho. Diferentemente das outras relações visuais que a mulher possuiu no

zoológico, a sua postura não é de completa fuga. A protagonista não quer desviar o olhar, mas sim ver: “Ela não recuou um só passo/Lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos” (LISPECTOR, 1998, p.134).

Mas o que ela teria visto nesta troca de olhares? Se remontarmos a Sartre, o Outro é parte constituinte do Ser e essencial para o conhecimento de si. Afinal, o Outro é o algoz, ou carrasco, se preferir, que permite que o Ser revele a si mesmo o que antes não percebia. Em outras palavras, é preciso da alteridade para afirmação do Ser, o que resulta na consciência de que o Ser se constitui fora de si pelo olhar do Outro que lhe espelha. O olhar indomável do búfalo não afirma o que a mulher queria ser – a mulher amada – mas lhe traz a imagem cruel daquilo que ela é – a fêmea rejeitada. E aqui, não é possível fugir, tampouco negar a imagem refletida pelos olhos do Outro, como nos reitera a própria narrativa: “Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato” (LISPECTOR, 1998, p. 134).

Não podendo desviar o olhar, quase uma integrante do inferno de *Entre quatro paredes*¹¹, de Sartre, a protagonista precisa assumir este Ser que lhe é apresentado e aprendê-lo. E assim, se o olhar do Outro pode ser apreendido a partir de um sentimento, uma consciência irrefletida, como compreendia o filósofo do *Ser e o nada*, a protagonista reconhece o seu Ser no olhar do Outro, mas diferente do *voyeur* que sente vergonha ao ser visto, a mulher olhada, este ser-para-outro, sente o ódio em sua essência pura e visceral, conforme se lê: “[...] e uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeciu dormente. De pé, em sono profundo” (LISPECTOR, 1998, p. 134). A mulher é assim tomada pelo delíquio, de tal modo que a experiência fenomenológica do olhar empreendida com o animal não humano foi capaz de a ressignificar ontologicamente a ponto de passar a enxergar o búfalo em si mesmo. O que nos leva a pensar que talvez seja verdade, o significado da vida está de fato diante dos olhos, basta estar disposto a olhar.

¹¹Na peça temos a trama de três personagens em um inferno, cuja tortura se faz ver psicológica e não física. Um é carrasco do outro, de modo que a relação entre os personagens é embasada pelo olhar. Pelos olhos do Outro, cada personagem vê refletido o pior de si mesmo. E assim, cada ser é um ser-para-outro. Vale dizer que, no inferno sartreano, é impossível desviar os olhos e fugir do olhar alheio. Não há pálpebras, logo, “Muito bem! É preciso viver de olhos abertos” (SARTRE, 1947, p. 16, tradução nossa).

Considerações finais

Entender o fenômeno do olhar no conto clariceano *O búfalo* só nos é possível a partir de uma análise depurada das relações de comunicação que se estabelecem no decorrer da narrativa entre o animal humano e os animais não humanos. Relações estas que compreendem os animais constituintes do zoológico não como seres abjetos, ou ainda, inferiorizados, mas antes, partes integrantes de um plano óptico do qual ora se fazem sujeitos, ora se apresentam como alteridades.

Além disso, decifrar o enigma do olhar a partir do fato literário em questão perpassa o entendimento, como vimos, de que a corporeidade dos animais não humanos compartilha a mesma visibilidade concernida ao animal humano – a carne do mundo. Neste sentido, os corpos são assim considerados a partir de um outro status ontológico, seja este o de órgão de comunicação. Parte integrante da visibilidade do mundo, os corpos dos animais humanos, em suas formas variadas e múltiplas expressões, ocupam um sentido outro daquele da conservação da espécie. São eles vistos na mesma medida que veem e tocados na mesma medida que tocam.

Corpos que narram é o que nos ensina Clarice. Mas narram o que? Narram o Ser, o Outro, a Vida e o Mundo. Destarte, enquanto alteridades da relação dialógica, entendemos que os animais não humanos são essenciais ao desnudamento da mulher – o ser-para-outro – e, portanto, são elementares em seu encontro consigo mesma, afinal, reiteram a todo momento o seu lugar no mundo de fêmea rejeitada. São os olhos ora indiferentes de leão e leoa, ora doentios de macaco, ora questionadores de quati, ora de tranquilo ódio de búfalo que alumiam não só o Ser e findam a busca visceral pelo odiar, mas também dizem do mundo o que ele é – um mundo a perceber.

Referências

ÁLVAREZ, Adriana Carina Camacho. *O olhar multifacetado dos Laços de família, de Clarice Lispector*. Nau Literária, Porto Alegre, UFRGS, Vol. 02 N. 02 – jul/dez 2006.

AGUIAR, E. P. *Conflito e intersubjetividade em o ser e o nada de Sartre*. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. 2003.

BERGER, John. *Sobre o olhar*. Trad. de Lya Luft. Barcelona: Hurope, 1980.

COLLOT, Michel. *Poética e filosofia da paisagem*. Tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Tradução de Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures (Tome Premier)*. Paris: Gallimard, 1950.

LIBANORI, Evely; ZOTESSO, Lígia Ribeiro de Souza. *A aprendizagem do ódio no conto 'O búfalo', de Clarice Lispector*. ASLE Brasil, v. 8, n. 1, p.33-43, Jan-Fev, 2022.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice, 1908-1961. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. - 2- ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

———. *Le concept de nature; l'animalité, le corps humain, passage à la culture, Vol XVI (BN)*. Inédito, 1957-1958.

———. *Merleau-Ponty à la Sorbonne : résumé de cours 1949-1952*. Grenoble: Cynara, 1988.

———. *La nature : notes, cours du Collège de France ; suivi des résumés de cours correspondants*. Établi et annoté par Dominique Séglaard. Paris: Seuil, 1995.

NUNES, Benedito. *O animal e o primitivo: os Outros da nossa cultura*. In: MACIEL, Maria Esther. *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis: editora UFSC, 2011.

SARTRE, Jean Paul. *O Ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

———. *Huis clos*. Paris: Gallimard, 1947.